SUCESSÃO GERACIONAL NO SINDICATO: RECONFIGURANDO A MILITÂNCIA POLÍTICA. O CASO DOS METALÚRGICOS DO ABC

Kimi Tomizaki¹

Resumo: A herança política do movimento operário do ABC, como todas as outras, envolve elementos materiais e simbólicos, bem como um delicado problema de sucessão. Essa herança pode ser problematizada pelo menos em duas dimensões: a primeira diz respeito à herança política mais ampla, da categoria como um todo; a segunda dimensão, por sua vez, se refere, especificamente, ao movimento sindical, ou seja, trata-se da herança dos sindicalistas metalúrgicos do ABC (que envolve desde a direção do SMABC até as disputas em torno das práticas e concepções políticas dessa entidade). Neste artigo pretende-se discutir a segunda dimensão dessa herança, qual seja, o processo de constituição e transmissão de um conjunto de práticas políticas próprias ao sindicalismo do ABC paulista e seus efeitos sobre a formação de diferentes gerações de lideranças dessa categoria. Os dados que serão apresentados foram coletados no âmbito de um projeto de pesquisa desenvolvido entre 2011 e 2013, cujos objetivos centrais eram (i) analisar os processos por meio dos quais determinados membros da categoria metalúrgica se tornaram diretores do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC) entre os anos de 1972 e 2002 e (ii) constituir uma biografia colctiva ou uma prosopografía do grupo em questão, ao longo dessas três importantes décadas do movimento sindical brasileiro. Para dar conta das diferentes dimensões envolvidas no fenômeno da militância política operária, esta pesquisa foi concebida como um estudo prosopográfico, seguido de um estudo biográfico com os sindicalistas que representaram diferentes "modalidades de carreira política".

Palavras-chave: Sindicalismo; ABC paulista; Herança política; biografia coletiva de sindicalistas

Abstract: Every kind of heritage involves material and symbolic elements, as well as the delicate problem of succession. The same happens to the political heritage of the labor movement that has taken place at the Brazilian metropolitan area known as ABC (Santo André, São Bernardo do Campo and São Caetano do Sul – State of São Paulo, Brazil). This heritage can be thought of in at least two dimensions. The first one has to do with political heritage in a wider sense: the experience of the metallurgist working class. The second one is specifically related to the union movement, i.e., the heritage of the metallurgists' union at ABC – which involves not only the union's leadership, but also the dispute around political practices and conceptions. In this article I intend to examine

Kimi Tomizaki é professora da FEUSP (kimi@usp.br)

the second dimension of this heritage: the process, within the ABC unionism, of establishing and transmission of a set of political practices. I am also interested in the effects of these processes for the formation of different generations of leadership of metallurgist working class. The data that will be presented was collected within the activities of a research project developed between 2011 and 2013. Its main objectives were (i) to analyze the processes by which some members of metallurgic working class were made leaderships of the Union of Metallurgic workers of ABC (SMABC), from 1972 to 2002 and (ii) to constitute a collective biography, or a prosopography of this group, taking into account these three decades, so important for Brazilian labor movement. In order to respond to the various dimensions involved on the sociological phenomenon of workers political activism, the research was conceived as a prosopographical study, followed by a biographical study of the unionists that represent different "types of political career".

Keywords: Unionism; ABC region; Political heritage; Collective biography of unionists

Apresentação

O Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC) realizou, durante os meses de junho e julho de 2003, seu 4º Congresso, cujo tema foi "Os metalúrgicos do ABC e a reforma sindical". A análise de conjuntura que abre o Caderno de teses do congresso intitula-se "Nasce um novo Brasil".

O 4º Congresso do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC se realiza num momento histórico muito especial do nosso país. A posse de Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência da República, no dia 1º de janeiro de 2003, marca o primeiro encontro do povo brasileiro com o poder.

Comparável em importância apenas à Abolição e à Proclamação da República, essa conquista representa o desfecho de três décadas de acumulação de forças da classe trabalhadora e do campo democrático-popular, mensuráveis em seu nível de organização, de mobilização e de consciência política.

Repetiu-se, entre nós, um daqueles contextos históricos em que, por um lado, os de cima já não conseguiam governar, enquanto os de baixo já alcançavam um grau de fortalecimento, experiência de luta e maturidade política suficientes para inverter a correlação de forças que se arrastava por 500 anos. [...]

Os metalúrgicos do ABC, reunidos em seu quarto congresso da fase posterior à unificação lavrada em 1993, sentem- se orgulhosos por viver esse momento histórico, intervindo nele como verdadeiros protagonistas. Desta categoria combativa despontou a figura que hoje chefia a República, depois de projetar-se como a maior liderança política da história do nosso país. Esta categoria produziu dezenas de outros quadros que assumem papel destacado em altas instâncias políticas nacionais, sejam de governo, partidárias e sindicais. Luiz Marinho acaba de tomar posse como dirigente principal da CUT, sendo o terceiro presidente nacional da entidade que a classe trabalhadora brasileira recrutou em nossa

base, ao lado de Menegueli e Vicentinho. Esta categoria está decidida a manter-se firme nessa mesma rota – de luta, mobilização e amadurecimento – preparando novas safras de militantes para os desafios que se abrem com o novo cenário.

(Caderno de Teses, 4º Congresso do SMABC, "Os metalúrgicos do ABC e a reforma sindical")

Esse pequeno fragmento do Caderno de Teses do 4º Congresso da categoria metalúrgica do ABC apresenta, de saída, duas questões fundamentais para a compreensão da proposta deste artigo: primeiramente, a importância conferida, pela própria categoria, à herança política produzida pelo ABC paulista, sobretudo no período posterior ao das "grandes greves" (1978-1982), na qual figuram desde a formação de um "modelo sindical" (o chamado "novo sindicalismo"²), até a formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT) e de dezenas de militantes e lideranças políticas, que exerceram papel de destaque no processo de redemocratização do país, cujo maior representante seria Lula. Em segundo lugar, no mesmo texto encontramos a alusão ao desejo (e necessidade) de esse sindicato continuar a produzir "novas safras de militantes", que possam responder aos desafios políticos apresentados à categoria pelas transformações no campo político partidário nacional (e também pela reconfiguração das relações de produção).

Essas duas preocupações estão estreitamente articuladas, visto que para garantir a continuidade ou a conservação da herança política do ABC é preciso formar herdeiros. E um herdeiro não é somente aquele que está pronto para receber o que lhe é de direito — o herdeiro é aquele que tem condições de dar continuidade a um dado projeto, que pode ser econômico, artístico, intelectual ou político. Da mesma forma, não podemos considerar a herança simplesmente como um baú material ou simbólico que necessita de outros que o preservem — a herança é uma transmissão de poderes entre dois grupos que podem ser circunstancialmente aliados ou rivais (GOTMAN, 1988).

Esse novo padrão de ação sindical designou-se e foi designado pelos estudiosos como "novo", em contraponto às práticas anteriores, sobretudo dos militantes do PCB, tidas como "reformistas" ou "pelegas", que, por meio de práticas de "colaboração de classe", teriam colocado obstáculos ao desenvolvimento do movimento sindical brasileiro. Apesar de alguns autores apontarem os limites da ação do chamado "novo sindicalismo" desde sua formação, há certa concordância de que esse novo padrão de prática sindical em muito contribuiu para a renovação do movimento operário brasileiro, transformando ou criando novas práticas mais eficazes e em consonância com os interesses de seus representados. O novo sindicalismo, ou sindicalismo auténtico, teve como principais pilares de ação a crítica radical aos mecanismos de atrelamento do sindicato ao Estado; a defesa do direito de greve e da negociação direta entre patrões e empregados, sem ingerência do Estado; a luta pela liberdade e autonomia sindical; e a organização dos trabalhadores nos locais de trabalho. Cf BOITO Jr., Armando (Org.) O Sindicalismo Brasileiro nos anos 80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; SANTANA, M. A. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 14, n. 41, 1999.

A herança política do ABC, como todas as outras, envolve elementos materiais e simbólicos, bem como, em alguns casos, um delicado problema de sucessão. Essa herança pode ser problematizada pelo menos em duas dimensões: a primeira diz respeito à herança política mais ampla, da categoria como um todo — a herança de uma trajetória que, apesar de ter tido algumas lideranças de grande destaque, foi construída por toda a categoria, da qual cada metalúrgico mais velho se sente autor e cada jovem metalúrgico deveria se sentir herdeiro. A segunda dimensão dessa herança diz respeito, especificamente, ao movimento sindical, ou seja, trata-se da herança dos sindicalistas metalúrgicos do ABC (que envolve desde a direção do SMABC até as disputas em torno das práticas e concepções políticas dessa entidade), que têm a árdua tarefa de encontrar novos líderes, capazes de dar continuidade ao projeto político construído por um dos mais importantes sindicatos do país.

Neste artigo pretende-se discutir a segunda dimensão dessa herança, qual seja, o processo de constituição e transmissão de um conjunto de práticas políticas próprias ao sindicalismo do ABC Paulista e seus efeitos sobre a formação de diferentes gerações de lideranças dessa categoria. Os dados que serão apresentados foram coletados no âmbito de um projeto de pesquisa desenvolvido entre 2011 e 2013, cujos objetivos centrais eram (i) analisar os processos por meio dos quais determinados membros da categoria metalúrgica se tornaram diretores do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC) entre os anos de 1972 e 2002 e (ii) constituir uma biografia coletiva ou uma prosopografia do grupo em questão, ao longo dessas três importantes décadas do movimento sindical brasileiro.³

De forma sumária, poder-se-ia dizer que o interesse central que mobilizou a constituição dessa pesquisa foi a análise dos processos – de ordem objetiva e subjetiva – que possibilitaram a determinados indivíduos se tornarem militantes e constituírem uma situação de legitimidade que sustentou, durante determinado período, ou ainda sustenta, sua posição como liderança no SMABC. Interessava, nesse sentido, assumir como objeto de análise os processos de formação (socialização) e as práticas empreendidas por esses atores no interior do movimento sindical. Dito de outra forma, as reflexões que se seguirão buscam não assumir os sindicatos como instituições coerentes e homogêneas, cujas ações e pautas possam ser assumidas como objetos de análise sem que se leve em conta os atores que as produziram e o campo político no qual esses estão inseridos. Entende-se, assim, que o sindicato não pode ser pensado como uma "coisa", nem "coisas sucessivas", mas como o produto objetivado de uma prática incessantemente em

O projeto em questão, intitulado "Socialização e política: um estudo sobre a formação de disposições para a militância entre membros da classe operária", foi financiado pela FAPESP (Processo 2009/11542-3).

jogo. Sendo assim, embora o grupo estudado se constitua em um período de profundas alterações nas práticas sindicais brasileiras, menos do que descrever e analisar as alterações das estratégias institucionais dos sindicatos, assumimos a tarefa de analisar a produção do laço invisível que associa os agentes nessa cooperação concorrencial que é o engajamento político (PUDAI, 1989).

Para tanto, essa pesquisa foi concebida como um estudo prosopográfico, seguido de um estudo biográfico. De acordo com Stone (1971):

A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões — sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional etc. Os vários tipos de informação sobre indivíduos de um dado universo são, então, justapostos e combinados e, em seguida, examinadas por meio de variáveis significativas. Essas são testadas a partir de suas correlações internas e correlações com outras formas de comportamento e ação⁶.

Assim, a prosopografia busca revelar as características comuns de um determinado grupo social em um período histórico específico, por meio da coleta de seus dados biográficos. E, à medida que revela as características comuns de um grupo social, a prosopografia possibilita a observação dos grupos sociais em suas dinâmicas internas (atuação, mecanismos de recrutamento, seleção e reprodução social) e em seu relacionamento com os outros grupos e com o espaço do poder mais amplo no qual ele se insere.⁴

O questionário prosopográfico deveria ser respondido pelos próprios depoentes, mas acabou sendo aplicado individualmente, tornando-se uma entrevista gravada e pautada por um roteiro, constituído pelas questões originais do questionário. Essa alteração foi realizada em função da baixa escolaridade de grande parte dos respondentes e da complexidade do questionário. As informações coletadas com base no questionário foram organizadas em um banco de dados, que, por sua vez, permitiu o trabalho de caracterização geral do grupo, tanto no que tange aos seus atributos sociais e culturais, quanto de sua dinâmica interna.

Com base no banco de dados, tendo em vista compreender a constituição de diferentes modalidades de "carreiras militantes" e de

CHARLE, Christophe. A prosopografía ou biografía coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, F.V. (Org.) Por outra história das elites. Rio de Janeiro: FGV, 2006,p.41. FERREIRA, Tania Maria Tavares. História e prosopografía In: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RJ. (História e Biografías. Rio de Janeiro, 2002.)

"destinos sócio-políticos", realizamos a seleção dos sindicalistas que foram entrevistados na "etapa biográfica" da pesquisa. O trabalho com o material biográfico foi pensado em um diálogo com as críticas feitas às análises biográficas que se encerram em si mesmas, atribuindo nexos e criando conexões entre fatos e acontecimentos "significativos" que redundam em uma "criação artificial de sentido", que não leva em consideração o peso das estruturas sociais sobre as trajetórias individuais.⁵

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um 'sujeito' cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. É evidente que o sentido dos movimentos que levam de uma posição a outra (...) define-se na relação objetiva entre o sentido dessas posições no momento considerado, no interior de um espaço orientado. Isto é, não podemos compreender uma trajetória (ou seja, o envelhecimento social que, ainda que inevitavelmente o acompanhe, é independente do envelhecimento biológico), a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ele se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes do campo - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontaram no mesmo espaço de possíveis. (BOURDIEU, 1996).

Assim, os dados prosopográficos e biográficos que serão apresentados aqui foram analisados com base nessa chave analítica, qual seja, de que os indivíduos são resultado de processos de socialização, que são, por sua vez, determinados ou condicionados, inicialmente, pelas condições objetivas do "lugar social" ocupado pelos indivíduos em função de seus nascimentos e, posteriormente, pelos espaços nos quais esses mesmos indivíduos puderam circular.

Cf. MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. Sociologias, n.17, 2007, p. 240-264; MONTAGNER, Miguel Ângelo. Biografia coletiva, engajamento e memória: a miséria do mundo. Tempo Social, São Paulo, v.21, n.2, 2009, p. 259-282.

O processo de socialização (primário e secundário) é definido aqui como "desenvolvimento de uma dada representação do mundo, mediada pelas experiências "oferecidas" pelo espaço social ao qual os indivíduos têm acesso. Assim, a representação que as pessoas desenvolvem a respeito de si mesmas, do mundo social e do lugar ocupado por elas neste mundo é o "resultado" (nunea finalizado e, portanto, em contínua transformação) de um processo lento, gradual e constante, que resulta em um "código simbólico". Este código não pode ser comparáveia um "pacoto" de crenças e de valores idênticos aos da geração precedente, mas a um sistema complexo de referência e de avaliação do real que permite aos indivíduos assumirem um padrão de comportamento identificável com um determinado coletivo" (TOMIZAKI, K. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. Educação & Sociedade. 2010, pp. 341-342, vol.31, n.111, pp. 327-346).

O quadro abaixo sintetiza o número de diretores que passaram pela SMABC ao longo das três décadas estudadas, quantos foram inseridos no banco de dados (via questionário) e quantos foram entrevistados.

Diretores do SMABC entre as gestões de 1972 e 2002

	1970	1980	1990	Total
Total de				
Diretores do	36	45	21	102
SMABC ⁷				
Falecidos	17			
		07		24
Não localizados	09			
		12	09	30
Respondentes do questionário				
prosopográfico	10	26	12	48
(banco de dados)				
Entrevistados				
(selecionados				
entre os	08	12	08	28
respondentes do questionário)				

O banco de dados é revelador de que o grupo em questão (sobretudo os diretores das décadas de 1970 e 1980) apresenta pouca diferenciação interna no que tange à sua origem social e posse de capitais escolares. Então, se assumirmos as questões básicas propostas para o estudo prosopográfico por Peter Burke, poderíamos dizer que esse grupo, em sua maioria absoluta, tem origem rural, com pais analfabetos ou que estudaram no máximo até a antiga quarta série primária, migrou para São Paulo ou para a região do ABC com baixa escolaridade (em geral sem concluírem o antigo primário, porém nenhum era analfabeto) e sem nenhum tipo de qualificação para o trabalho industrial, o que maioria adquiriu por meio dos chamados "cursos modulares" do SENAI - cursos de dois a seis meses, que poderiam chegar até um ano e meio, no caso da ferramentaria ou inspetoria de qualidade, por exemplo.

Os casos que destoam desse perfil estão todos reunidos nos anos 1990, nos quais encontramos uma concentração de diretores que já se empregaram nas fábricas com um nível um pouco mais elevado de escolarida-

Além das entrevistas com os diretores do SMABC, para cada década entrevistamos dois núcleos familiares completos, ou seja, o sindicalista, sua esposa e pelo menos um de seus filhos. Tais entrevistas, embora não estivessem previstas na proposta original da pesquisa, se mostraram de grande valia para a compreensão das trajetórias políticas desses sindicalistas, bem como da avaliação que esses conseguem fazer atualmente de sua atuação na esfera sindical e/ou partidária.

de e qualificação profissional. No sentido contrário, há uma preponderância de infâncias absolutamente miseráveis entre os diretores dos anos 1970, que chegaram a viver a experiência da fome prolongada, no período anterior à migração do campo para a cidade, em famílias com mais de uma dezena de filhos.

É possível perceber também que há uma discreta alteração na composição social dos pais dos sindicalistas, que nas primeiras décadas eram, majoritariamente, pequenos proprietários rurais ou trabalhadores rurais (em geral, empregados em grandes propriedades rurais); na última década, percebe-se um aumento no número de pais comerciantes e operários. Do mesmo modo, há uma mudança no que tange à escolaridade do pai: o número de pais analfabetos cai pela metade entre a década de 1970 e 1980, depois temos mudanças pouco significativas, sempre tendendo ao aumento da escolaridade, com destaque para o fato de que, nos anos 1990, aparece o primeiro pai de diretor do SMABC com ensino superior.

Os dados relacionados à escolaridade e profissão das mães dos sindicalistas não são muito diferentes: a escolaridade tende a aumentar de maneira discreta, mas há que se sublinhar também a diminuição do número de analfabetas. Do ponto de vista profissional, há uma concentração de mães, em todas as décadas, que se dedicavam ao trabalho doméstico na sua própria casa, portanto, sem remuneração. Como era de se esperar, entre as mães dos diretores dos 1990, há já uma maior incidência de mulheres que participam do mercado de trabalho e uma significativa diversificação do tipo de profissionalização.

No que tange à escolaridade dos diretores do SMABC, é possível perceber uma tendência ao alongamento dos estudos entre nas três décadas, tanto no "período regular" quanto na retomada dos estudos, após a fase adulta. A cada década é possível perceber um aumento de investimento dos depoentes em seus estudos. Acreditamos que essa tendência guarda relação tanto com a expansão das oportunidades de acesso à escola, em função da ampliação do sistema de ensino, quanto com especificidades do próprio movimento sindical do ABC, que alterando suas práticas passou a necessitar de sindicalistas mais escolarizados que pudessem contribuir mais ativamente nas negociações com as empresas, por exemplo.

Seguindo a mesma tendência, os filhos dos sindicalistas alongaram muito mais sua escolaridade em comparação com seus pais, e de maneira ainda mais significativa em relação a seus avós, quase todos analfabetos ou capazes somente de ler e escrever o próprio nome. Entre os filhos maiores de idade dos sindicalistas que compõem o banco de dados, 55,2% têm ensino superior completo e 21,6%, o ensino médio completo.

Neste artigo, apresentaremos uma biografía que representa um tipo de trajetória relativamente comum entre os diretores do SMABC em uma das décadas mais efervescentes de sua existência: os anos 1980. Nesse período, a formação do PT e da CUT, bem como a consolidação do chamado "novo sindicalismo", possibilitou a constituição de trajetórias fortemente associadas à política partidária e à profissionalização da militância por meio de diferentes formas de assessoria política. O que diferencia as trajetórias dos diretores dessa década é, sobretudo, a longevidade e o "sucesso" relativo no campo político-partidário ou sindical que, por sua vez, parecem estar associadas a sua capacidade de adaptação às transformações do campo político em que atuavam. A biografia selecionada representa uma modalidade de carreira militante identificada como típica dessa década entre os sujeitos da pesquisa, cujas fases poderiam ser assim resumidas: (i) engajamento sindical; (ii) passagem pela política partidária (via cargos eletivos) com dificuldades significativas de adaptação a esse campo político; (iii) desengajamento ou reconfiguração/redirecionamento da militância para fora do sindicato e do PT.

Antes, porém, seria importante apresentar, ainda que brevemente, o quadro teórico que norteou a análise dos dados dessa pesquisa.

Experiência operária, gerações e habitus de classe

Uma das traduções francesas do seminal livro "Problema de gerações" de Karl Mannheim (1928), cujos tradutores são Gérard Mauger e Nia Perivolaropoulou (1990), conta com um breve, porém rico posfácio, no qual Mauger aponta analogias entre a "teoria das gerações", criada por Mannheim, e a "teoria do habitus", de Pierre Bourdieu. Inspirada na profícua articulação entre essas duas "ferramentas" teóricas (a exemplo do que Michel Pialoux e Stéphane Beaud [1999] também realizaram), tenho me dedicado à pesquisas sobre a categoria metalúrgica do ABC abordando, especialmente, os processos de reprodução e/ou ruptura de determinadas tradições formadas em função do trabalho operário entre diferentes gerações de trabalhadores e lideranças do SMABC.

Poderíamos dizer que tanto o fenômeno geracional quanto a formação do *habitus* de um determinado grupo estão fortemente relacionados com a condição de classe desses sujeitos, o que tem permitido pensar a transmissão de determinados modos de se comportar como trabalhadores e/ou lideranças sindicais tanto como um processo de formação geracional, quanto de configuração e reconfiguração do *habitus* de um grupo da classe operária brasileira, marcado por uma trajetória política e social bastante específica.

A situação de classe e a situação de geração têm em comum o fato de circunscreverem, em função de sua situação específica no espaço sócio-histórico, os indivíduos em um campo determinado de possíveis e favorecerem, assim, um modo

específico de experiência e de pensamento, bem como um modo específico de intervenção no processo histórico. Cada situação afasta diretamente um grande número de modos de experiência, de pensamento, de maneiras de sentir e agir possíveis e restringe a margem do jogo dos efeitos da individualidade a possibilidades precisas e limitadas (...). É inerente a cada situação a tendência a um modo de comportamento, uma maneira de sentir e de pensar determinados. (MANNHEIM, 1990, p. 45).

Em que pese o fato de que Mannheim não desconsidera o critério etário como um dos elementos da definição de um conjunto geracional (assim como não nega também o "peso das idades" sobre as experiências individuais e coletivas), o autor ressalta ser imprescindível que se tenha nascido em uma mesma comunidade de vida social e histórica e, portanto, em uma comunidade que partilha um destino comum para que seja possível a criação de um modo de comportamento, de uma maneira de sentir e de pensar próprios a um grupo. Assim,

(...) só se pode falar de uma situação de geração (...) na medida em que os indivíduos que entram simultaneamente na vida participem potencialmente em acontecimentos e experiências capazes de criar laços entre eles. Somente um mesmo quadro de vida histórico-social permite que a situação definida pelos nascimentos no tempo cronológico torne-se uma situação sociologicamente pertinente. (MANNHEIM, 1990, p.52).

Assim, os indivíduos, para pertencerem a uma geração, devem compartilhar de uma mesma "situação sócio-histórica" ou uma mesma "condição de existência", que delimitará (sobretudo em sociedades muito desiguais) suas possibilidades de acesso aos bens materiais e simbólicos existentes. A transmissão dos chamados "conteúdos sociais", nas palavras de Mannheim, é sempre norteada de acordo com os grupos sociais aos quais os indivíduos estão ligados, mesmo nos casos em que os mesmos conteúdos são oferecidos ou estão acessíveis a todos os membros da sociedade. Assim, o pertencimento a uma geração passa, necessariamente, pelo pertencimento a um grupo específico e pertencer a um grupo não significa apenas aderir a seus valores, mas, sobretudo, ser capaz de perceber o mundo e de se entender no mundo com os instrumentos e as nuances próprias a esse grupo.

Assim, tanto situação de classe quanto a situação de geração são definidoras dos modos como determinados sujeitos e grupos percebem o mundo e atuam nele, finalmente, são definidoras de seu *habitus*, "um sistema socialmente constituído de disposições estruturadas e estruturantes que é adquirido pela prática e constantemente orientado para funções práticas." (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 97).

Produto da história, o habitus produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme aos esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo. (...) O habitus como toda arte de inventar, é o que permite produzir práticas em número infinito, relativamente imprevisíveis (como as situações correspondentes), mas limitadas, todavia, em sua diversidade. (...) Porque tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições nas quais foi produzido seu princípio gerador ajustando-se ao mesmo tempo às exigências inscritas como potencialidade objetiva na situação tal como é definida pelas estruturas cognitivas e motivadoras que são constitutivas do habitus, as práticas não se deixam deduzir nem das condições presentes que podem parecer tê-las suscitado nem das condições passadas que produziram o habitus, princípio durável de sua produção. Só se pode explica-las, portanto, com a condição de relacionar as condições sociais nas quais se constituiu o habitus que as engendrou e as condições sociais nas quais ele é posto em ação, ou seja, com a condição de operar pelo trabalho científico a relação desses dois estados do mundo social que o habitus efetua, ao ocultá-lo, na e pela prática. (BOURDIEU, 2009, p. 92-93).

A noção de habitus, retrabalhada em relação a suas origens aristotélico-tomistas na obra de Bourdieu, desempenha um papel de mediação entre o individual e o social, mais especificamente, refere-se à "subjetividade socializada", ou seja, uma estrutura de personalidade constituída com base nas marcas legadas pela experiência biográfica em um dado contexto social. As práticas sociais, por sua vez, são geradas no encontro entre as estruturas incorporadas (habitus) e as estruturas objetivas de um campo específico no qual o agente precisa atuar em um dado momento. A questão é que, dificilmente, as condições nas quais o habitus foi formado se repetirão, de modo que os agentes precisam atuar em campos outros ou no mesmo campo renovado em suas regras de funcionamento. É nesse momento que a capacidade "inventiva" do habitus se expressa, adaptando-se à nova realidade, criando respostas inovadoras (até improváveis), porém circunscrito, de algum modo, pelos limites do próprio *habitus*, ou melhor, dos seus princípios geradores. Em uma palavra, o habitus é durável, apesar de mutável. (PETERS, 2009).

O habitus não é um conjunto de associações permanentes e atomizadas do tipo estímulo/resposta, mas uma capacidade geral, flexível, versátil, inventiva e adaptativa de atuar em uma variedade indefinida de tipos de situações e ambientes sociais, transferindo, por meio de raciocínios prático-analógicos de ajustamento, certos princípios de orientação de um contexto de atividade in situ para outro — por exemplo, tipificando uma diversidade de situações não-familiares por meio do seu enquadramento, na maior parte das vezes tácito, em categorias gerais de condições familiares de experiência, de modo a aplicar os princípios de organização da conduta mnemonicamente associados a estes tipos genéricos àquelas circunstâncias novas. (PETERS, 2009).

Assim, a compreensão do funcionamento do *habitus*, bem como das possibilidades de sua reconfiguração, passa pelo entendimento de que essas disposições (estruturadas e estruturantes) desenvolvem-se no interior de determinadas condições sociais, assim como a formação dos conjuntos geracionais, no interior dos quais os sujeitos incorporam um modo de ver o mundo e de se ver no mundo, próprio ao grupo que ele pertence, portanto, estreitamente ligado à sua classe social. Assim, os portadores do habitus não são propriamente indivíduos (embora ele se expresse no plano individual por meio das práticas de cada um), mas grupos e classes sociais, cujas condições objetivas de existência, bem como seus valores, sua moralidade, seu modo de conceber a relação com o corpo, com a alimentação, com o trabalho, a religião, a política, entre outros aspectos, definirão o que depois será percebido individualmente como sua "personalidade". Entretanto, dadas às sutilezas do processo de socialização, as propriedades do habitus são percebidas (e sentidas) pelos agentes sociais como parte do seu próprio ser: elas nos possuem, assim como nós as possuímos.

Nas três décadas do SMABC estudadas, podemos identificar igualmente três conjuntos geracionais, visto que os militantes entrevistados, apesar da origem social bastante próxima, constituíram seu *habitus* político em períodos diversos, o que redundou na formação de práticas e concepções políticas significativamente diferentes entre si, sempre em consonância com as transformações e exigências do campo sindical e também com o modo como estava organizado o mercado de trabalho industrial na região do ABC. Sumariamente, poderíamos dizer que entre 1970 e o início do novo século é possível, por meio do conjunto de depoimentos coletados, perceber três grandes inflexões na atuação política do SMABC, que correspondem a cada uma das décadas estudadas:

- Anos 1970. Mudança intensa da perspectiva do trabalho sindical no SMABC, que vai de uma prática pautada já em um certo nível de combatividade e vinha buscando estreitar sua relação com base representada, mas ainda com pouca clareza do antagonismo de classe que opõe trabalhadores e capitalistas, até um segundo momento marcado pela tomada de consciência do protagonismo que a classe trabalhadora pode exercer na transformação da sociedade, o que redundou na formação de um novo "modelo" de ação sindical;
- Anos 1980. Consolidação das práticas do chamado "novo sindicalismo", intenso trabalho voltado à formação do PT e da CUT e à expansão/ampliação do

A definição de pertencimento a um dado conjunto geracional é bastante complexa, visto que não pode se pautar somente na faixa etária dos sujeitos e, nesse caso, no período em que um dado sindicalista assumiu a direção do SMABC. Tal definição deve se assentar, sobretudo, nas experiências compartilhadas com o grupo geracional em questão e na identificação do habitus desenvolvido pelos sujeitos, em função dessas experiências. Assim, nem todos os diretores da década de 1970, por exemplo, podem ser considerados dessa "geração", porque por conta de suas experiências e do seu habitus eles podem estar mais fortemente associados à geração da década seguinte ou anterior. Apesar desse cuidado metodológico, que cria sempre uma zona de interseção entre as gerações, é possível identificar um núcleo duro de entrevistados que representam cada uma das três décadas já citadas.

- projeto político dessas duas organizações, seja por meio da disputa de cargos eletivos, seja pela organização de chapas que disputaram a direção de outros sindicatos para compor a chamada "base cutista";
- Anos 1990. A crise vivenciada pelo ABC paulista nos anos 1990, materializada, sobretudo, no fechamento de postos de trabalho, alterou profundamente o modo de se fazer sindicalismo naquela região: de acordo com os depoimentos, premido pelas transformações estruturais, o SMABC não pôde vislumbrar outra forma de resistência que não a negociação com as empresas, tendo em vista evitar "um mal maior", como um processo de desindustrialização ou um número maior de demissões. Esse movimento ampliou e alterou o escopo de atuação do SMABC, exigindo um leque maior de "perfis" e "habilidades" dos sindicalistas, bem como uma crescente exigência de maior escolaridade e domínio de línguas estrangeiras.9

SINDICALISTAS DOS ANOS 1980 NO ABC PAULISTA: ENTRE SONHOS E DESILUSÕES

O grupo que dirigiu o SMABC ao longo dos anos 1980 pode ser identificado como aquele que vivenciou de maneira mais intensa e prolongada as experimentações decorrentes da formação do novo modelo de ação sindical que ficou conhecido como "novo sindicalismo". Ainda sob o clima de euforia do período das grandes greves, 10 os chamados "sindicalistas autênticos" desenvolveram um habitus político orientado pelas práticas de confrontação direta contra o patronato e, posteriormente, contra o regime militar e, nesse sentido, tratava-se de um grupo muito mais homogêneo que aquele encontrado na década de 1970, o que não quer dizer que chegasse a ser um coletivo sem divergências, pelo contrário. Explorar, no entanto, tais divergências até hoje é uma desafio porque os depoentes tendem a se fechar diante dos "olhares estrangeiros" e não detalham muito os conflitos internos; entretanto, podemos afirmar que os depoimentos coletados indicam que a maior parte dos embates tinha menor relação com posições ideológicas divergentes e mais com disputas internas por espaço no interior do movimento sindical.

Para uma discussão sobre a passagem de estratégia confrontacionista, característica do início do novo sindicalismo, para a chamada "prática de cooperação conflitiva", ver: BRESCIANI, Luís Paulo. O contrato da mudança. A inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões. Tese de Doutorado, IG-Unicamp. Campinas, 2001. BRESCIANI, Luís Paulo e Quadros, Ruy. A inovação e os papéis dos trabalhadores: o caso da Mercedes-Benz. In: NABUCO, Maria Regina; NEVES, Magda de A.; CARVALHO NETO, Antonio M. Indústria automotiva: a nova geografia do setor produtivo. Rio de Janciro: DP&A, 2002. RODRIGUES, I. J. Sindicalismo e política: a trajetória da CUT. São Paulo: Scritta, 1997. Para uma discussão sobre como o capital escolar passa a constituir também um capital político no interior do mundo sindical internacional ver: WAGNER, A. Syndicalistes européens: les conditions sociales et institutionnelles de l'internationalisation des militants syndicaux. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, n. 155, 2004 e Vers une Europe syndicale. Une enquête sur la confédération européenne des syndicats. Éditions de Croquant/Savoir/Agir, 2005.

Para uma análise das greves cf. NORONHA, F. A explosão das greves na década de 80. In: BOITO JR., A. (Org.). O sindicalismo brasileiro nos anos 80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Do ponto de vista da origem social também se tratava de um grupo bastante homogêneo que, entretanto, teve suas trajetórias fortemente impactadas pela formação do PT e da CUT, o que abriu novas possibilidades de configuração de trajetórias militantes, inclusive uma novidade para as lideranças da categoria metalúrgica: a profissionalização da militância, em diferentes formas de assessoria política. A expansão e complexificação do campo político, com a renovação da esquerda no Brasil, abriu a possibilidade para muitos militantes se profissionalizarem no interior do próprio movimento sindical ou no partido, lançando mão de suas experiências práticas para aprimorarem e fazerem avançar os projetos políticos do PT e da CUT.

Poderíamos dizer, assim, que, se inicialmente esse grupo apresentava uma diferenciação interna pouco significativa, ao longo do tempo, seus membros passaram a se diferenciar muito entre si em função das modalidades de carreira que puderam desenvolver e, consequentemente, do tipo de destino sócio-político a que chegaram: do desengajamento à profissionalização da militância, passando por casos de carreiras político-partidária alongadas e "bem sucedidas", embora controversas (um dos diretores que faz parte desse grupo é vereador em São Bernardo desde a década de 1980). E esse, sim, pode ser apontado, atualmente, como um ponto de grande divergência política interno ao grupo, visto que alguns entrevistados consideram inaceitável a ideia da profissionalização da militância e o chamado "apego aos cargos", enquanto outros, cujas vidas profissionais (e pessoais) passaram a se organizar em torno das máquinas do partido ou da central sindical, apontam vários benefícios que tal atuação significou para o SMABC, o PT e a CUT.

De acordo com Bourdieu, as tomadas de posição dos agentes no interior dos campos pelos quais circulam não são casuais, mas guardam relação com o lugar que eles ocupam, bem como com as possibilidades que esses têm de participar do jogo do modo como ele está "organizado". Por meio das entrevistas, pode-se perceber que os diretores "mais radicais" e aguerridos foram os que enfrentaram maiores dificuldades no alongamento de suas carreiras militantes na relação com o PT e a CUT, o que se acentuou com a inflexão política que essas duas entidades realizaram a partir do final dos anos 1980.

Jonas: a reinvenção da militância

Meu primeiro encontro com Jonas ocorreu em um evento na Câmara dos Vereados de São Paulo, em 2012, durante uma homenagem a anistiados políticos para a qual fui convidada por outro antigo sindicalista, que já havia sido entrevistado. Sua vivacidade e energia diminuem, em no mínimo uma

década, seus 66 anos: após nossa apresentação pessoal e da pesquisa, ele imediatamente "se engajou" na tarefa de me apresentar, já no evento, todo e qualquer ex-diretor ou militante do SMABC que pudesse se tornar um depoente. Essa atitude define bem Jonas: até hoje um militante de várias causas e espaços diversos de militância, que imediatamente passou a ser colaborador ativo da minha pesquisa.

Jonas nasceu em 1950 em Rio Branco, Minas Gerais. Seu pai trabalhava nas terras da família, uma pequena propriedade que produzia quase exclusivamente para a subsistência dos doze filhos, o pequeno excedente era negociado com os vizinhos por outros produtos ou vendido na feira do município mais próximo. Os pais eram alfabetizados e, apesar do pouco contato com o mundo letrado e dos recursos financeiros limitados, demostravam ter clareza que o alongamento da escolarização dos filhos era fundamental para um movimento de mobilidade social ascendente, prova disso é fato que Jonas tinha cinco anos de idade quando se mudou para a cidade, junto com a mãe e os irmãos, para frequentar a escola. A percepção dos pais sobre o papel da escola é assim resumida por esse depoente: "meus filhos precisam saber ler e escrever, precisam estudar para que sejam alguém lá na frente, para que não sejam como eu aqui na roça".

Jonas estudou até a antiga quarta série primária, mas não passou no exame de admissão, que nesse período constituía uma barreira para o acesso das crianças das classes populares ao antigo ginásio. Com dezesseis anos, em 1966, ele migrou para São Paulo, mais especificamente, para Diadema, onde já moravam seus irmãos mais velhos. Nesses dois primeiros anos no Estado de São Paulo, ele trabalhou como servente na construção civil e quando completou a "maior idade" foi convocado para o serviço militar obrigatório. A ditadura militar era ainda algo bastante nebuloso para Jonas até esse momento, que já se considerava um jovem "incomum" para seu meio social por conta do gosto pela leitura e pela proximidade com a cultura *hippie*.

Encerrado o período do exército, Jonas foi admitido pela Mercedes-Benz, por indicação de um irmão que já trabalhava na multinacional alemã, assumindo o posto de serralheiro. Depois de empregado, ele começou a se qualificar por meio de cursos modulares do SENAI, especialmente voltados para a área de desenho mecânico. Nesse mesmo período, ele teve contato pela primeira vez com o sindicato dos metalúrgicos.

Jonas pediu demissão da MBB em pouco tempo porque estava descontente com o trabalho e com o clima repressivo da empresa, o que pode ser caracterizado como um comportamento bastante incomum, visto que a

Cf. AZANHA, José Mario Pires. Democratização do ensino: vicissitudes da idéia no ensino paulista. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 335-344, 2004.

maioria dos trabalhadores do ABC tinha como objetivo se empregar em uma montadora, sobretudo, em função dos salários mais elevados que a média da região. A partir desse momento, não seria exagero dizer que a trajetória profissional desse militante é marcada pela "inadaptação": ele percorreu cerca de quinze empresas diferentes das quais pediu demissão após entrar em conflito com a chefia/gerência ou foi demitido em decorrência de sua atuação política e sindical.

A indignação com a repressão no interior das fábricas, as más condições de trabalho, a humilhação no cotidiano fabril, a exploração materializada na intensificação do ritmo da produção e nas horas extras se tornaram uma barreira no desenvolvimento da trajetória profissional de Jonas, assim como também pavimentou seu caminho em direção à militância sindical. Inicialmente, por meio do contato com diretores de base, ele descobriu que poderia fazer uso da "Coluna do Sombra" do "jornalzinho do sindicato" para denunciar os abusos de chefes e gerentes contra os trabalhadores no interior das empresas. A partir desse momento Jonas começou apresentar diversas denúncias para o sindicato e trazer o material produzido pela entidade para distribuir nas fábricas em que trabalhava.

Em 1978, Jonas foi eleito delegado da categoria para participar do V Congresso da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), ocorrido entre os dias 24 e 29 de julho de 1978, no Rio de Janeiro, que foi para ele uma experiência muito marcante, embora ainda um pouco nebulosa do ponto de vista político. No ano seguinte, ele já assumiu várias tarefas como militante junto ao SMABC.

"Kimi: E, nessas greves [de 1978 e 1979], o que você fez?

João: Tudo o que você possa imaginar. Kimi: Mas você não tinha mandato? João: Não, não. Eu era militante ainda.

Kimi: E estava completamente "descoberto", então?

João: Totalmente descoberto. Colocando meu pescoço em risco. Sabia disso. Sabia que se eu fosse pego a qualquer momento, eu tava ferrado. E o sindicato sempre tinha um advogado à disposição nossa. E esse advogado, naquela época, no meu caso, era o Maurício Soares. Tinha Maurício Soares, tinha Dr. Antônio Possidônio. Mas quem cuidava desse pessoal da base era o Maurício Soares, que era o advogado mais experiente naquele momento para aquele problema. (...) Eu entrava 7h30 no serviço, então eu passava no sindicato antes, pegava o material e ia distribuir nas empresas que eu tinha acesso. E o diretor do sindicato me deixava mais ou menos próximo da empresa onde eu trabalhava. E na empresa em que eu trabalhava, eu entrava com material enrustido. Boa parte das empresas tinham restaurante. Eu, com o pretexto de não comer a comida da empresa, eu gostava de levar marmita. Com que pretexto? Porque eu carregava duas marmitas: uma cheia de jornal e a outra com comida. Então, quando eu chegava mais cedo na empresa, esse jornal que eu carregava, eu abria minha marmita e saía jogando dentro das portas do banheiro, da porta dos vestiários e corria pro meu vestiário e ficava quieto, lá."

Em função da militância, Jonas foi convidado a fazer parte da chapa que concorreu à direção do sindicato em 1981 e cumpriu seu único mandato sindical entre os anos de 1981 e 1984, assumindo uma "frente de trabalho" pouco valorizada, por assim dizer.

Eu, Jonas, quero assumir um trabalho de base na cidade de Diadema. 'Ah, João, mas lá só tem médico, tem ginecologista e barbeiro.' Eu falei: 'eu, enquanto diretor de base, estou pedindo, estou exigindo: eu quero assumir o trabalho de base em Diadema.' 'Ah, mas lá só tem boca de porco, só tem empresinha pequenininha'. Fizemos uma discussão política: 'Mas lá [cm Diadema] não repercute'. 'Não tem problema, não tô preocupado com repercussão, tô preocupado com a organização desse pessoal'.

Jonas, que morava em Diadema desde que migrou de Minas Gerais, acreditava que os metalúrgicos concentrados nessa cidade, por trabalharem em fábricas pequenas, as chamadas "bocas de porco", eram desconsiderados pelos diretores do sindicato, que concentravam sua energia em São Bernardo do Campo, onde se localizam as montadoras de automóveis: "onde dá status, onde dá imprensa, onde dá televisão, onde dá rádio: as grandes empresas".

As pequenas e médias empresas de Diadema, no início dos anos 1980, concentravam em torno de 40 mil trabalhadores – praticamente o mesmo número de metalúrgicos empregados somente na Volks. Embora não fosse um número desprezível, as empresas eram, de fato, muito pequenas, excetuando-se em torno de vinte fábricas com média de 500 a 600 funcionários, as outras tinham até 100 trabalhadores, algumas chegavam a ter entre trinta e cinqüenta trabalhadores, o que tornava o trabalho sindical muito mais difícil.

Mas, pra ir pra sub-sede [em Diadema] eu preciso de estrutura. Não me deram, não me deram estrutura. 'Tá bom, eu vou assim mesmo.' Aí, então, fui prá lá e tal, fui discutindo. Primeiro passo: qual o papel do sindicato? O papel do sindicato não é dar ginecologista pras mulheres. O papel do sindicato não é pra dar médico pros trabalhadores. Como é que vamos fazer? Então, tinha uma sala do ginecologista, tinha uma sala do dentista, tinha uma sala do barbeiro e tinha uma sala do clínico geral. Fui e fiquei lá uns dois, três meses. (...) O espaço da sub-sede era umas duas salas dessa aqui [sala de aula do Centro de Formação Celso Daniel do SMABC, na qual a entrevista foi realizada]. Era um espaço até razoável, um espaço bom pra época. 'Tá bom. É isso aqui mesmo que eu quero.' Primeira coisa, tirei a ginecologista de lá. Com três meses depois, eu tirei o médico.

Kimi: E tirou e botou onde?

João: Aqui [sede do SMABC], mandei eles virem pra São Bernardo. 'Ah, onde é que atende agora?'. 'Só na [sede] central'. Mandei todos eles pra cá. O último a sair foi o barbeiro, porque o barbeiro era o pretexto que eu tinha também, que até usaria pra cortar cabelo; eu "tic, tic, tic"... [faz gesto que

falava com os trabalhadores enquanto esses cortavam o cabelo] Depois que o trabalho se firmou, meados de 81, até meados de 82, a sub-sede já estava pequeniníssima. Era como se tivesse um banheiro de 4x4 e 500 pessoas ali dentro.

Kimi: Jonas, de onde que veio essa concepção que você desenvolveu de sindicato, do que deveria ser o papel do sindicato?

João: Das injustiças. Quer dizer, se o sindicato está para lutar para os trabalhadores, então, um meio de se fazer justiça é dar aos trabalhadores aquilo que é de direito. E nós não queríamos absolutamente nada mais do que os direitos dos trabalhadores! O conceito através de leitura, através de coisas que eu gostava de ler e da minha vivência, tanto dentro das fábricas, quanto fora

Kimi: Mas todo mundo da diretoria tinha essa mesma clareza ou tinha divergên-

João: Não. Tínhamos divergências. Por isso eles me chamavam de João Doido. Até hoje, alguns 'Oi, João Doido!'. Por quê? Porque eu ia, convocava e o pessoal vinha. O pessoal vinha pra conversar, pra discutir isso, isso e isso. E depois dessas reuniões que a gente discutia tudo, tinha uma coisa que a peãozada gostava: uma cachacinha, que eu trazia. (...) Depois de tudo isso, 'quem gosta de cachacinha?' Até então, o movimento sindical era, exclusivamente, machista. A coisa mais difícil que tinha era uma mulher nas assembleias. E eu tinha assembleia de segunda a segunda na sub-sede. 'João, mas de segunda a segunda?'. De segunda a segunda. Cada dia, cada hora era uma empresa.

Kimi: E você chamava por empresa?

João: Por empresa. la no gogó. E eu ia a pé. la de ônibus. Eu não tinha carro. O carro era tudo seguro aqui [na sede do SMABC em São Bernardo do Campo]. Até que um belo dia eles perceberam o movimento e me deram o carro com a cornetinha. Dai já facilitou. Ai foi um peão comigo, (...) nós faziamos trabalho de ônibus, com jornal [do SMABC] na mão. Às vezes tinhamos que vir buscar o jornal aqui em São Bernardo... Depois de muita briga, dei porrada pra tudo quanto é lado, aí começaram a entregar [a Tribuna Metalúrgica na sub-sede de Diadema] e tivemos estrutura. (...) Hoje a sub-sede é maior do que a sede aqui [de São Bernardo]!

Jonas se orgulha de ter, de acordo com seu depoimento, encerrado a fase assistencialista da sub-sede de Diadema e também do fato de que isso não foi feito de modo abrupto e, sim, discutido com os trabalhadores para que esses tomassem consciência de que o papel do sindicato era outro: a luta pelos direitos dos trabalhadores. A sub-sede que, até então, era praticamente um "posto de saúde", nas palavras do sindicalista, assumiu uma dinâmica totalmente diferente: passou a ser frequentada pelos trabalhadores e trabalhadoras da categoria para assembleias e discussões de caráter político, inclusive era cedida para outras categorias da cidade de Diadema para o mesmo tipo de atividade. Ao mesmo tempo, em Diadema a categoria metalúrgica passa a se mobilizar em torno da primeira eleição com a participação do PT, que elegeu Gilson Menezes, o primeiro prefeito petista do Brasil, metalúrgico e diretor do SMABC.

João: Ah... Mas aí foi um envolvimento total. E nós, de novo, nós éramos vistos como o patinho feio: 'Diadema, pessoal boqueta, só boqueta'. Chamavam as empresas pequenas de boqueta. 'As boquetas, boca de porco, só tem problema'. (...) Ah, nós tínhamos uma chapa de 50 e poucos candidatos [do PT] e nós trabalhávamos de forma unificada. Gilson, candidato a prefeito, o viceprefeito era o... Claudio Rosa... O vice-prefeito era o ... Paulo Afonso! Dr. Paulo Afonso! O advogado que era o advogado do sindicato. Gilson Meneses, operário, peão. Dr. Paulo Afonso, advogado do sindicato que era ligado à igreja e aos movimentos. Era advogado das comunidades... Era ligado à igreja, né? Então, fazia essa ligação. Então, nós saíamos, e aí saíam todos os candidatos, todo mundo, com um jornal único. 'Tá aqui o PT, tal. tal. nós temos os nossos candidatos aqui. Escolha um desses candidatos para você votar!'. Aí tinha uma chapa completa, a cara de todo mundo, [foto] 3x4 de todo mundo. Era campanha limpa, bonita, onde eu pedia voto pra você, você pedia voto pra mim, se você não gostar de mim, nem de você, mas você tem uma escolha, você escolhe aquele que mora perto de você. Naquele momento fizemos a prefeitura, e se não me falha a memória, fizemos sete vereadores na primeira disputa que nós fizemos. Foi uma revolução, entre aspas, em Diadema. Fizemos de Diadema um laboratório. Isso serviu de laboratório. O próprio PT, depois, reconhece que foi um laboratório. E depois a gente começa atropelando tudo, lá. Atropelando entre aspas porque a gente faz com que a população vá para a câmara assistir as sessões. Então, todas as sessões eram lotadas de gente. Quando alguém falava que era contra o peão, era vaia ... Polícia o tempo inteiro nas sessões pra impedir que os trabalhadores pudessem estar se manifestando. E aí começou a criação. O trabalhador não tinha direito a falar na tribuna, o PT começou a criar mecanismos para que o peão, trabalhador pudesse ir pra tribuna, falar, também, no horário dos vereadores. Hoje tem a tribuna livre. Se não me falha a memória, uma das primeiras cidades, ou a primeira cidade que tem a tribuna livre da população, criada pelo PT.

Em 1983 a diretoria do SMABC foi cassada, os diretores perderam seus mandatos e ficaram sem salário. Vale a pena destacar que nem todos os diretores falam sobre essa realidade mais concreta da militância, digamos da parte "menos nobre", seja das disputas internas, das divergências ou das dificuldades financeiras e dos problemas familiares, mas alguns entrevistados foram muito explícitos, sobretudo aqueles que estão, atualmente, mais distantes do jogo político constituído.

Então, estamos cassados, não podemos voltar pra empresa. A categoria nos reconhece. Ai fizemos as discussões, alugamos uma sala inacabada, em frente ao prédio do sindicato, que é uma salinha que tem até hoje, ali. E colocamos uma faixa "ó, nóis aqui traveis". Ai, a diretoria cassada se submeteu a sobreviver com ajuda. O recolhimento mensal de cada pagamento de dinheiro na porta das fábricas, para que sustentasse a tribuna metalúrgica e para que sustentasse também aqueles diretores que estavam cassados, sem salário. Fizemos isso e fizemos o movimento! E a intervenção e as eleições do sindicato iam se realizar dentro de um período próximo, que acabou realizando menos de um ano depois, ou próximo de um ano. E ficamos praticamente esse período da cassação em frente ao sindicato. O sindicato vazio, só com os funcionários. O interventor demitiu vários funcionários que eram próximos aos diretores.

Jonas acredita que recebeu, aos poucos, o reconhecimento das *"figuras principais do sindicato"*, como Lula e Jair Meneguelli, do trabalho que tinha realizado em Diadema, esses inclusive passaram a frequentar, eventualmente, a sub-sede e também suas assembleias. Entre 1984 e 1988, Jonas foi contratado como assessor do SMABC e em 1988 lançou sua candidatura como vereador, cumprindo dois mandatos até 1997.

Eu acho que eu cumpri a minha missão [como vereador]. Porque eu tinha como meta duas coisas que pra mim eram fundamentais: primeiro, que era acabar com uma aposentadoria precoce dos vereadores e acabar com as férias de 90 dias dos vereadores. Quer dizer, eu não achava justo que um vereador com 12 meses de trabalho tivesse direito a 90 dias de férias, não achava isso justo. E eu, com dois mandatos, eu tinha direito a aposentadoria. Era proporcional? Era. Mas eu achava isso injusto também. As férias de 90 dias eu não consegui acabar, mas com a aposentadoria precoce eu consegui acabar...

Jonas esteve entre os metalúrgicos entrevistados que ocuparam cargos eletivos com mandatos muito conturbados em função de sua postura que, grosso modo, poderia ser identificada como um prolongamento do mandato sindical na Câmara dos Vereadores de Diadema. Esses mandatos foram marcados por uma dificuldade em estabelecer limites entre o engajamento no movimento operário e suas funções como "homens públicos".

A gente começou a bater, já começou a fiscalizar desde 1983, quando assumimos [a prefeitura de Diadema, na administração de Gilson]. Então tinha algumas coisas lá, e tal. E aí vem esse processo. Conclusão: eu, enquanto vereador, pegava o meu carro, o carro oficial, e continuava fazendo o mesmo trabalho, como se diretor de sindicato fosse. E as empresas batendo, denúncia contra isso, denúncia contra aquilo, colocando todo mundo atrás de mim; a polícia, o fórum, a justiça, todo mundo contra mim, porque eu não podia fazer isso... E eu no discurso: 'Não, esse carro aqui, ele não é da câmara municipal, esse carro aqui, ele está a serviço dos trabalhadores. Ele é do município, é do seu imposto é isso, isso, isso. Esse carro é de vocês! Então, esse carro está à disposição de vocês. E eu, enquanto representante de vocês, vocês que me colocaram aqui!' Então as empresas vinham, batiam fotos, 'Peraí, deixa eu fazer pose pra vocês. Tá aqui'. Abria a porta do carro. 'Pode tirar foto, é o Jonas que está aqui!'. Ainda tirava sarro deles, né: 'Quer que eu coloque a placa, direitinho, pra você fazer isso?'. Batiam foto, tal, mandavam pra tudo quanto é lugar, até que um belo dia veio ordem de prisão pra mim, porque eu xinguei um juiz... Polícia quis me prender na porta da fábrica várias vezes, eu peitava (). Aí, conclusão, eu andei falando demais...

Depois desses dois mandatos, Jonas não quis mais concorrer a cargos eletivos por acreditar que a renovação dos quadros políticos é imprescindível, tecendo ao longo do seu depoimento, duras críticas ao que denomina "apego ao poder e aos cargos", tanto no PT quanto no SMABC. Depois dos seus mandatos chegou a trabalhar como assessor da CUT, mas,

em seguida, se aposentou e voltou a estudar, prestou vestibular para o curso de Ciências Sociais na Fundação Santo André e se graduou em 2000; durante a graduação Jonas não trabalhou e vivenciou a experiência de estudar em tempo integral. Posteriormente, fez um curso de pós-graduação *lato sensu* na PUC em *História, Sociedade e Cultura*. Depois disso só trabalha como voluntário em movimentos sociais: já foi professor de história e geografia em cursinhos pré-vestibular populares, por exemplo, e também tem se dedicado à Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC (AMAA).

Jonas é casado desde 1975, sua esposa, que também é mineira e estudou até a antiga oitava série, nunca militou e, de acordo com seu depoimento, acabou aceitando sua militância, embora tenha sofrido com ela. A situação de Jonas em relação à sua esposa e filhos é exemplar da maioria dos sindicalistas entrevistados, ou seja, houve uma grande dificuldade em conciliar a militância com as relações familiares. As esposas, em geral, não militavam e tinham dificuldade em aceitar a opção dos maridos; os filhos, por sua vez, ressentiam-se do pouco contato com o pai e muitos cresceram com aversão a assuntos relacionados à política.

As entrevistas, realizadas em um momento em que a militância já havia sido arrefecida pelo tempo e, em alguns casos, também pela decepção ou pela não realização de um dado projeto político, encontraram os sindicalistas dos anos 1970 e 1980 em uma situação incomum em estudos sobre movimento sindical, ou seja, no momento do desengajamento ou da reinvenção da militância. E, nesse sentido, trata-se também do momento do "reencontro" com a família, um reencontro nem sempre fácil, sobretudo com os filhos. Muitos relatos davam conta de uma relação que beirava a hostilidade com os filhos, que pensam terem sido abandonados em nome da militância dos pais e, muitas vezes, por um projeto político que não teria valido a pena. Nesse sentido, chama a atenção, em relação aos sindicalistas das décadas de 1970 e 1980, a pouca capacidade que esses tiveram de transmissão para os filhos dos seus valores, o que parece diferente entre os sindicalistas mais jovens dos anos 1980 e os sindicalistas dos anos 1990.

Assim, Jonas e outros sindicalistas enfrentam atualmente duras críticas por parte de filhos, ressentidos e muitas vezes incapazes de valorizar a trajetória de seus pais. No que tange aos laços com a militância inicial (no SMABC e no PT), Jonas continua filiado ao PT e participa do diretório, mas desfere pesadas críticas contra o partido:

Eu acho que o PT, hoje, ele está igualzinho aos outros partidos que a gente sempre combateu. Desde quando eu me entendo por gente, desde quando eu comecei a discutir essas questões políticas, eu acreditava, apostava numa mudança. Eu acho que nós fomos novos e nós fizemos o novo durante um período, até um certo período. Depois que 'Opa, essa boca, ela é boa, eu não quero perdê-la!' Então vários companheiros meus hoje não querem perder a boca de deputado

federal, deputado estadual, nem de vereadores. Eu critico isso. E essas coligações que hoje o partido faz, são coligações de fisiologismo, mesmo. É a troca, é o favor: 'olha, quanto que eu vou levar?. E isso pra mim, perdeu... Eu fiquei muito desgostoso com as besteiras, um monte de besteiras que ocorreram dentro do PT, principalmente a partir daquele momento que as figuras, os figurões do partido fazem aliança com bandido. Se eu faço aliança com bandido ele vai querer o troco. Ele vai querer a parte dele. Foi o que aconteceu com o Zé Dirceu, com o Genuíno. Faço acordo com Jeferson. Quem foi Roberto Jeferson? Peraí, a casa vai cair. Então, eu sou crítico ao PT de hoje.

Kimi: Você se considera petista, ainda?

João: Eu considero. Eu sou PT. Eu sou petista. (...) Eu continuo no PT, não pretendo sair, quero continuar brigando internamente, mas, numa reunião de 80, 100 pessoas, uma, duas vozes falando... É democrático, vai pra votação, 78 favoráveis, 2 contrários, mas, pelo menos, eu não posso acusar de que não houve democracia. Então, continuo militando, continuo fazendo meu trabalho até hoje. Se você quiser se esconder de mim, é na minha casa. Bato perna o dia inteiro, conversando. Vou lá e vou conversar política, vou fazer política. Levo pro outro lado, tento procurar defender, mas, em algumas coisas fica dificil você argumentar...

Apesar de ainda se considerar militante do PT, no depoimento de Jonas é possível perceber que boa parte da sua militância atual se dirige aos movimentos sociais e à Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC (AMAA), 12 organização que tem permitido para muitos outros antigos diretores do SMABC reconfigurarem sua atuação política e se reaproximarem do SMABC. Ao longo da pesquisa, frequentei algumas das reuniões da AMAA, o que me possibilitou observar que esse espaço tem sido utilizado por alguns de seus membros como uma possibilidade de "recriação" da "antiga" militância sindical. Nele se reúnem ex-diretores e militantes do SMABC e as discussões extrapolam em muito os objetivos da associação. Em 2013, finalmente, a AMAA conseguiu estabelecer um diálogo mais concreto e frutífero com a atual diretoria do SMABC para apresentar suas reivindicações, que vão desde maior facilidade no acesso ao espaço físico da entidade até suas propostas de reconstituição da memória do movimento operário da categoria metalúrgica do ABC. O fato de se sentirem desrespeitados pelos atuais diretores é um problema para os membros da AMAA, tema recorrente das reuniões e esse início de diálogo trouxe novo fôlego para as atividades do grupo.

Assim, muitos dos velhos sindicalistas do "novo sindicalismo", que não encontraram um lugar no qual pudessem continuar sua militância – pelo

A Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC (AMAA) iniciou oficialmente suas atividades em 28 de agosto de 1999. Atualmente conta com 194 associados, dos quais cerca de 130 já foram anistiados, e 41 processos ainda estão em andamento ou em recurso. As indenizações correspondem ao salário pago na função que era ocupada pelo trabalhador demandante, e variam entre R\$ 1.500,00 e R\$ 7.500,00, os valores retroativos podem vir integralmente ou parcelados.

menos não de um modo que lhes parecesse confortável e/ou coerente com seus princípios e práticas – no interior do projeto político do PT, da CUT e mesmo em alguns "braços" do SMABC, como a Associação dos Metalúrgicos Aposentados (AMA), foram se desengajando ou resignificando sua militância em espaços alternativos ao partido e ao sindicato, embora nem sempre desvinculados desses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZANHA, José Mario Pires. Democratização do ensino: vicissitudes no ensino paulista. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.30, n.2, pp. 335-344, 2004.

BEAUD, Sthephane; PIALOUX, Michel. Retour sur la condition ouvrière: enquête aux usines Peugeot de Sochaux-Monthéliard. Paris: Fayard, 1999.

BOITO Jr., Armando. *O Sindicalismo Brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïcq. *Réponses*. Paris: Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: IDEM. Razões práticas – sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O senso prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

BRESCIANI, Luís Paulo; QUADROS, Ruy. A inovação e os papéis dos trabalhadores: o caso da Mercedes-Benz. In: NABUCO, Maria Regina; NEVES, Magda de A.; CARVALHO NETO, Antonio M. *Indústria automotiva*: a nova geografia do setor produtivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BRESCIANI, Luís Paulo. O contrato da mudança. A inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões. Tese de doutorado, IG-Unicamp. Campinas, 2001.

CHARLE, Christophe. A prosopografía ou biografía coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, F.V. (Org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERREIRA, Tania Maria Tavares. História e prosopografia In: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH-RJ. *História e Biografias*. Rio de Janeiro, 2002.

GOTMAN, A. Hériter. Paris: PUF, 1988

MANNHEIM, K. Le problème des générations. Paris: Nathan, 1990 [1928].

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Biografía coletiva, engajamento e memória: a miséria do mundo. *Tempo Social*. São Paulo, v.21, n.2, pp. 259-282, 2009.

_____. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Sociologias*, Porto Alegre, n.17, pp. 240-264, jan/jun 2007.

NORONHA, E. A explosão das greves na década de 80. In: BOITO, A. Jr. (Org.) O sindicalismo Brasileiro nos anos 80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

PETERS, Gabriel. Configurações e reconfigurações na teoria do *habitus*: um percurso. XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. (GT 29 – Teoria Sociológica), Rio de janeiro, 28 a 31 de julho, 2009.

PUDAL, Bernard. Prendre Parti – Pour une sociologie historique du PCF. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1989.

RODRIGUES, Iram Jácome. Sindicalismo e política: a trajetória da CUT. São Paulo: Scritta, 1997.

SANTANA, M. A. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 14, n 41, 1999.

STONE, Laurence. Prosopography. In: *Daedalus*: Journal of American Academy of Arts and Sciences, v. 100, n. 1, 1971, pp. 46-79.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educação & Sociedade*. São Paulo, 2010, p. 341-342, vol.31, n.111, pp. 327-346.

WAGNER, A. Syndicalistes européens: les conditions sociales et institutionnelles de l'internationalisation des militants syndicaux. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 155, 2004.

____. Vers une Europe syndicale. Une enquête sur la confédération européenne des syndicats. Éditions de Croquant/Savoir/Agir, 2005.